

## Dr. Al Fuhr, Eclesiastes, Sessão 8

© 2024 Al Fuhr e Ted Hildebrandt

Nas palestras anteriores, passamos algum tempo examinando os temas proeminentes do livro de Eclesiastes.

E acredito que este tipo de abordagem é apropriada para o livro de Eclesiastes. Eclesiastes é muito cíclico no sentido de que você encontra motivos repetidos que surgem continuamente ao longo do livro. Junto com palavras e frases comuns que devemos compreender para podermos compreender com precisão o significado do livro como um todo.

A sua mensagem depende de uma compreensão precisa destas frases e destes temas. E assim, uma abordagem temática é apropriada, mas penso que talvez faltasse se não dedicássemos algum tempo a lidar directamente com o próprio texto de uma forma linear. Indo do capítulo um até o capítulo doze do livro de Eclesiastes.

Portanto, nesta palestra, gostaria de dedicar algum tempo a uma exposição contínua dos capítulos um a seis. E então, na próxima palestra, em nossa palestra final, passaremos algum tempo fazendo uma exposição contínua dos capítulos sete a doze do livro de Eclesiastes ou Kohelet. Você me ouvirá fazendo esta exposição contínua frequentemente usando termos que expus a você nas palestras anteriores.

E então usaremos palavras hebraicas, aquelas palavras comuns que são tão exclusivas de Kohelet, que são tão importantes na teologia e na mensagem de Kohelet. Vou ler a tradução da NVI, mas, novamente, intercalarei algumas dessas palavras-chave e farei alguns comentários à medida que avanço nesta exposição. Então, Eclesiastes capítulo um e versículo um.

As palavras do mestre, filho de Davi, rei em Jerusalém. E novamente, o professor é a nossa figura Kohelet. A propósito, creio que isso não tenha sido abordado em palestras anteriores, mas o título hebraico deste livro é Kohelet.

Portanto, o título do livro leva o nome desta figura-chave, Kohelet. Na verdade, Eclesiastes vem da Septuaginta, a tradução grega do hebraico Kohelet. E você pode ter aquela sensação de eclesiástico ou ecclesia, uma assembléia, uma reunião com a qual alguns podem estar familiarizados por causa de seus estudos de teologia do Novo Testamento, eclesiologia, a doutrina da igreja.

E então, você tem a sensação de uma assembléia ou reunião. Lembre-se, o termo Kohelet que é traduzido pelo professor da NVI ou pela versão King James como Pregador, esse termo é uma forma participial de um verbo hebraico, kahal, que significa reunir ou reunir. E como já observei antes, a questão é: é o Kohelet aquele

que reúne as pessoas ou reúne as pessoas para ensiná-las? Isso está implícito no epílogo do capítulo 12, mas também descobrimos que o professor é alguém que reuniu e acumulou sabedoria.

E então, em certo sentido, ele é ambos. Ele é um coletor de sabedoria e também um dispensador de sabedoria para o povo, o Kohelet. Encontramos o Kohelet referenciado tanto em primeira quanto em terceira pessoa ao longo do livro, o que acrescenta algumas características únicas, literariamente, à nossa leitura de Eclesiastes.

Então, estas são as palavras do Kohelet, o pregador, o professor. Alguns o identificam com Salomão, dada a introdução aqui, filho de Davi, rei em Jerusalém. E certamente vemos uma identidade salomônica com o Kohelet, mesmo que Salomão nunca seja mencionado pelo nome no livro.

Sua declaração introdutória, hevel de hevels , a NVI diz sem sentido, a KJV vaidade, algumas traduções, futilidade. E já vimos esta palavra-chave, Hevel, antes. Usarei isso regularmente quando o virmos aqui em nossa leitura do texto.

Hevel dos hevels diz o professor, o Kohelet, totalmente Hevel, tudo é Hevel. Na verdade, isso está no superlativo e, basicamente, ele está fazendo a proclamação e o julgamento desde o início do livro, preparando o cenário para o dilema de Hevel. E como vimos antes, a condição de hevel se torna uma espécie de símbolo para o mundo caído e para tudo o que ocorre experimentalmente e observacionalmente em um mundo caído.

O homem sábio fica muito aborrecido com o fato de que tudo o que ele vê e experimenta ao seu redor parece estar permeado por essa condição decaída, por esse estado de decadência . E ele não consegue resolver o problema. E assim, vamos acompanhá-lo numa busca, numa viagem, à medida que lidamos com o texto e à medida que ele se desenrola.

Na pergunta inicial, o que eu chamaria de pergunta interrogativa, em vez de simplesmente uma pergunta retórica, versículo 3. O que o homem ganha com todo o trabalho que ele trabalha debaixo do sol? A palavra ganho aqui é a palavra hebraica yitron . Entendo que esta palavra seja uma solução para o dilema de Hevel. Agora eu sei que isso é um pouco semântico, mas novamente Kohelet tende a fazer coisas com palavras que não necessariamente encontramos em léxicos e dicionários.

A palavra yitron , num sentido mais literal, significa excedente ou lucro ou ganho, como você vê aqui na tradução da NVI. É algo que fica depois e, portanto, o termo lucro em uma espécie de contexto de transação de mercadorias. Mas Kohelet não parece estar a usar o termo nesse sentido, nesse tipo de contexto.

E com a ideia de hevelness sendo tão central no livro, parece que à medida que avançamos a palavra yitron assume esse tipo de alusão a algo que resolve o dilema. Algo que se estende além da decadência deste mundo e que pode realmente trazer uma solução para o problema da decadência da vida. Agora que conhecemos a teologia bíblica, e à medida que estendemos o nosso caminho pelo resto das Escrituras, descobrimos que Deus fornece uma solução para o problema .

Na verdade, em Romanos capítulo 8, descobrimos que Paulo diz que esta corrupção que experimentamos no mundo atual não é o fim do jogo. Há uma redenção da criação e, claro, uma redenção da humanidade, dos próprios redimidos, que é tratada em Romanos capítulo 8 e em outros lugares, especialmente no Novo Testamento. Mas Kohelet não vê necessariamente as coisas a partir dessa perspectiva totalmente reveladora.

Ele está simplesmente observando a vida sob o sol, como um sábio faria, e não de uma perspectiva desviada. Certamente não é da perspectiva de um idólatra, pelo menos quando lemos o livro de Eclesiastes não vemos esse tipo de indicação. Mas é uma perspectiva limitada, e a própria sabedoria é limitada porque a sabedoria é implementada por um ser mortal.

Kohelet não é divino, e ele não vê as coisas como Deus vê, e o próprio fato de ele não ver tudo o que Deus faz na verdade aumenta a irritação porque está além de seu alcance como homem resolver o problema da decadência da vida. Então o objetivo, a busca, na verdade, é bem interessante, a paráfrase de Eugene Peterson, a mensagem, conforme ele parafraseia o livro de Eclesiastes, ele se refere ao Kohelet como o buscador, e na verdade traduz o termo Hevel, fumaça. E então sua introdução seria: fumaça, fumaça, tudo é fumaça, diz o questionador.

E então vemos esse tipo de busca, essa jornada, eu chamaria de jornada de sabedoria, para procurar ver se há algo que resolva o dilema, o maior dilema que toda a humanidade, toda a humanidade, experimenta, e esse é o nosso mortal caído. doença. Então, qual yitrim , que ganho, que solução pode ser encontrada no trabalho de um homem, seu amal ? Agora, este termo amal é encontrado em outras partes do Antigo Testamento, refere-se ao trabalho e ao trabalho em um sentido geral, mas aqui no livro de Eclesiastes, parece ser esse acúmulo de esforço que é feito ou empreendido nesta experiência de Hevel que nós todos vivemos, um mundo caído, para ver se um amal , um trabalho, uma labuta, um tipo de esforço, fornece ou não alguma solução que dure além do túmulo. E descobrimos que Kohelet descobre que, quer você acumule pouco ou muito, quer você se esforce, trabalhe e labute, ou quer apenas navegue pela vida, de qualquer maneira, você não pode levar nada além com você para o túmulo.

Em todo o caso, para além desta questão inicial, desta questão interrogativa que realmente define a busca ou estabelece a viagem diante de nós para o que Kohelet

procura encontrar, temos um poema introdutório. E assim, no capítulo 1, versículos 4 a 11, há um poema sobre a natureza cíclica da vida. E então, isso é muito observacional e está muito ligado à ordem criativa de Deus.

E assim descobrimos que Deus cria ciclos na vida, e descobrimos isso na rotação da Terra, descobrimos isso nas várias estações e tal, mas descobrimos que essa natureza cíclica não fornece nenhum tipo de fim de jogo. E é esse fim de jogo, é essa resolução para a experiência de vida que todos nós normalmente temos num mundo caído, que Kohelet parece estar procurando, que ele procura descobrir. E ele descobre logo no início do livro que a natureza cíclica da vida nos diz desde a criação que realmente não vamos encontrar uma solução para o dilema da condição decaída da vida.

Em outras palavras, quando Deus amaldiçoou o mundo na Queda, em Gênesis capítulo 3, ficamos presos a uma rotina por causa disso. E não sairemos dessa rotina até que a revelação, a redenção ocorra na criação de novos céus e de uma nova terra. E é claro que estou indo além do que Kohelet realmente nos diz ao dizer isso, mas parece que a experiência atual dos ciclos da natureza e dos ciclos da vida indica alguma sensação de peso que experimentamos sem uma resolução natural para Yitron . uma resolução para o dilema de Hevel.

Gerações vêm e gerações vão, mas a terra permanece para sempre. O sol nasce e o sol se põe e corre de volta para onde nasceu. O vento sopra para sul e vira para norte.

Ele dá voltas e mais voltas , sempre retornando ao seu curso. E então esse sentido cíclico está permeando este poema. Todos os riachos deságuam no mar, mas o mar nunca fica cheio.

Para o lugar de onde vêm os riachos, para lá eles voltam novamente. Eu sugeriria que ele talvez esteja aludindo aqui não apenas à natureza, mas a natureza é quase representativa aqui do que encontramos em uma condição mortal, do pó ao pó. Um novo nascimento chega, mas esse nascimento também caminha para a sepultura.

E então chega outra geração, apenas para passar para a próxima geração. Mas uma geração não sabe no que a próxima geração estará envolvida. E isso frustra o homem sábio porque não há legado duradouro que um homem possa estender além de seus próprios anos mortais.

Todas as coisas são cansativas, cansativas para um homem sábio que sabe disso, mais do que se pode dizer. O olho nunca se cansa de ver, nem o ouvido se farta de ouvir. E assim, mesmo em um nível individual, e veremos um pouco disso aplicado através das lentes da sabedoria mais adiante nos capítulos 4 e 5, especialmente Kohelet percebe que um homem busca e acumula grandes riquezas e tesouros, e ele não nem tenho o suficiente.

Mesmo que ele possa ganhar milhões e milhares de milhões na nossa terminologia moderna, ele poderá nunca ficar satisfeito com o trabalho das suas mãos. E um bilionário também deve ir para o túmulo. E então, apenas acumular tesouros pelo tesouro, Kohelet irá considerar mais tarde como pura loucura.

O que foi será novamente, apontando novamente a natureza cíclica da vida e até mesmo da história. A história tende a se repetir, não apenas a natureza. O que foi feito será feito novamente.

Não há nada de novo sob o sol. E assim, esta fraseologia sob o sol à qual seremos expostos frequentemente ao longo do livro, sob o sol é simplesmente uma questão de perspectiva. Não é necessariamente uma vida vivida a partir de uma perspectiva decaída, num estado de apostasia, mas sim de uma perspectiva mortal ou horizontal.

O homem sábio só é capaz de ver na medida em que observa a vida sob o sol e a experimenta como um ser mortal. Existe alguma coisa que se possa dizer: olhe, isso é algo novo? Agora, novamente, queremos ter cuidado para não interpretar isso em todos os aspectos da vida.

A câmera de vídeo de que estou falando agora não existia na época de Kohelet. Em certo sentido, isso é algo novo. Um iPhone, um iPad, telefones celulares e coisas modernas que experimentamos são coisas novas em certo sentido.

Mas Kohelet está simplesmente dizendo que a vida tende a se repetir tanto historicamente quanto naturalmente, e não há nada que provoque algum tipo de mudança na condição mortal de queda com a qual a terra foi amaldiçoada no capítulo 3 de Gênesis. dos homens de antigamente. A propósito, isso se torna um minimotivo no livro de Eclesiastes, a ideia de que não há legado duradouro, novamente, mesmo dos sábios e dos ricos. E mesmo aqueles que ainda estão por vir não serão lembrados pelos que virão, e assim essa coisa de não haver legado duradouro se repete cada vez mais.

Após o poema de abertura aqui que estabelece a situação cíclica não- Yitron que encontramos neste mundo, Kohelet fala na primeira pessoa e é eloqüente sobre suas próprias qualificações para poder empreender esta jornada para ver se há alguma resolução, qualquer Yitron para a condição de Hebel. Eu, o Kohelet, fui rei de Israel em Jerusalém. Dediquei-me a estudar e explorar com sabedoria tudo o que se faz debaixo do céu.

Aliás, a variação aqui sob o sol nada mais é do que uma variação literária. Não creio que esta seja uma perspectiva diferente da perspectiva sob o sol aqui. Observe que Kohelet irá buscar e explorar esta questão através das lentes da sabedoria, e

descobriremos que esta afirmação é repetida várias vezes no próximo segmento das escrituras, no próximo segmento de versículos.

Também descobrimos aqui que sua jornada para encontrar Yitron é algo que se torna uma obsessão para ele. Ele se dedica. Ele é excepcionalmente qualificado e tem muito propósito.

Ele é muito intencional no que está procurando fazer aqui. Que fardo pesado Deus colocou sobre os homens. Exploramos essa palavra fardo em uma palestra anterior.

É a palavra hebraica inyon , e inyon é encontrada diversas vezes ao longo do livro de Eclesiastes. Na verdade, descobrimos que esta ideia de inyon , tal como Hebel, tal como Yitron , tal como Amal, trabalho ou labor, precisa de ser entendida da forma única como Kohelet parece utilizá-la aqui. Não é apenas um fardo nas costas, tal como o trabalho num campo pode implicar, mas antes é uma espécie de sentido em que o homem é obrigado a encontrar, ou talvez capaz de encontrar e descobrir e explorar, e ainda assim é, em última análise, incapaz de, através da implementação da sabedoria, de realmente chegar a uma solução.

E, novamente, tudo isso está focado na questão, no problema do peso da vida. O homem é mortal, mas reconhece que há algo além dele, mas não é capaz de compreendê-lo. Ele não é capaz de resolvê-lo e dominá-lo.

E assim, para o homem sábio, a incapacidade de realmente chegar ao fim da linha é uma frustração. Torna-se um fardo pesado colocado sobre o homem. Eu vi todas as coisas que são feitas debaixo do sol.

Todos eles não têm sentido, ou Hebel, perseguindo o vento. Agora, a frase que acompanha Hebel que encontramos com bastante frequência, especialmente nos capítulos um a quatro de Eclesiastes, *ret ruach*, é a ideia de perseguir ou agarrar-se ao vento. Agora, Hebel, como exploramos em uma palestra anterior, significa literalmente névoa ou vapor.

É algo efêmero. É algo que é transitório. Da maneira única como Kohelet usa o termo, ele também se torna algo que às vezes é fútil ou vão, e assim a tradução da KJV, *Vaidade das Vaidades*, e você muitas vezes encontrará a palavra Hebel 38 vezes no livro, traduzida como *vã* ou *vaidade* por certas traduções.

E assim, quando você vê algo que é descrito como uma busca pelo vento, você realmente tem a sensação de futilidade, porque é impossível realmente agarrar o vento e puxá-lo de volta. Você simplesmente não consegue tirá-lo ou colocá-lo em suas mãos. Você não pode dominar o vento.

E Kohelet reconhece que a qualidade de Hebel e os mistérios da vida não podem ser compreendidos. Em certo sentido, é bastante irônico que através da implementação da sabedoria, em última análise, a sabedoria seja Hebel, na resolução do dilema de Hebel. E então, nesse sentido, todas essas conquistas e toda a sabedoria que o homem poderia trazer para a mesa, nada disso foi capaz de resolver o problema, o problema da Hebelidade.

O que está torcido não pode ser endireitado. O que falta não pode ser contado. Agora, isso é simplesmente um provérbio, mas é um provérbio que descreve o dilema com o qual Kohelet está lutando aqui.

Em outras palavras, o homem é incapaz de endireitar o que Deus tornou torto. O homem é incapaz de acrescentar algo que Deus quis ou fez faltar. Em outras palavras, a sabedoria do homem é, em última análise, incapaz de resolver ou ir além do que Deus deseja ser.

Pensei comigo mesmo: olhe, cresci e aumentei em sabedoria mais do que qualquer outro que governou Jerusalém antes de mim. Notamos em uma palestra anterior que essa parece ser uma declaração um tanto estranha para Salomão fazer. Novamente, isso não significa que isso exclua a identidade salomônica aqui, mas é interessante que apenas um rei reinou sobre Jerusalém antes de Salomão, e esse rei foi Davi.

E, portanto, esse tipo de afirmação parece estranho, embora Salomão pudesse, francamente, estar apenas usando aqui uma linguagem superlativa e uma linguagem hiperbólica para simplesmente enfatizar o fato de que ele era tão sábio quanto possível ou tão sábio quanto qualquer homem jamais foi, e ele estava exclusivamente qualificado para empreender esta busca ou esta jornada. Experimentei muita sabedoria e conhecimento e, claro, vemos isso nas narrativas de Salomão em 1 Reis 3-11. Então me apliquei à compreensão da sabedoria e também da loucura e da insensatez.

Agora isso é um pouco difícil, certo? Porque vemos que Kohelet afirma o fato de que a busca que empreendeu está sendo feita através de olhos sábios. É através das lentes da sabedoria que ele explora essas coisas que são descritas como hebel e procura encontrar uma solução para o problema da hebelidade. Mas, ao fazer isso, ele também não deixará pedra sobre pedra.

Ele também vai explorar se a loucura e a loucura são ou não uma espécie de paralelo com a loucura, é realmente o oposto da sabedoria aqui. Se a sabedoria não for capaz de fornecer uma solução para o dilema de hebel, então talvez o contrário o faça. Talvez a loucura e a loucura forneçam algo que o homem possa trazer para a mesa.

E a questão, em última análise, é: em um mundo caído, é melhor perseguir a loucura e a loucura? Kohelet acabará por dizer não. Ele vai dizer que um homem que anda na loucura é como um homem que anda nas trevas. Ele tropeça nas coisas.

Ele não é capaz de alcançar e não é capaz de estender o seu... Em outras palavras, você descobrirá que a loucura não é abraçada de forma positiva em todo o livro de Eclesiastes. Mas a nossa figura de Kohelet aqui, nos segmentos autobiográficos dos capítulos um e dois, ele vai dizer, ei, eu verifiquei tudo. Eu olhei embaixo de cada pedra, por assim dizer.

E descobri que nada disso é capaz de fornecer alguma solução para o dilema da condição decaída da vida. Então, ele se aplica a compreender a sabedoria e também a loucura e a insensatez. Aliás, é através da sabedoria que ele observa e vivencia e até flerta com a loucura e a insensatez.

Então, novamente, ele está olhando através das lentes da sabedoria, ao mesmo tempo que explora a loucura e a loucura através da sabedoria. Mas aprendi que isso também é correr atrás do vento. É algo que não pode ser compreendido.

Pois com muita sabedoria vem muita tristeza. Quanto mais conhecimento, mais tristeza. E isso não significa necessariamente que a sabedoria seja ruim ou que a sabedoria necessariamente fará de você um grande pessimista.

Mas ele está simplesmente dizendo que quanto mais sábio se torna, mais percebe que isso não pode ser compreendido. Isso não pode ser resolvido. É como se você ouvisse estudiosos de diversas áreas.

Eles falarão sobre quanto mais você sabe, mais você percebe que não sabe. E então, às vezes, nós, estudantes universitários, falamos sobre calouros chegando e agindo como se soubessem tudo. E quando se formam, percebem o quão longe ainda precisam percorrer.

E assim, ao acumular sabedoria, diz o sábio, na verdade descobri, através da minha sabedoria, quão pouco compreendo realmente sobre o universo e sobre o modo como as coisas funcionam. E percebo como essas coisas são, em última análise, incognoscíveis. E isso lhe traz tristeza e aborrecimento adicionais.

Veremos esse tipo de motivo revelado mais tarde no livro também. Continuando aqui a linha de pensamento autobiográfica, pensei em meu coração, venha agora vou testar você com prazer para descobrir o que é bom. Novamente, através da sabedoria ele testa o prazer, ele testa a loucura, ele testa a loucura.

Mas isso também provou ser complicado . Em outras palavras, prazer, loucura, loucura, todas essas coisas, elas também não foram capazes de proporcionar nada além da experiência presente. Rir, eu disse, é tolice.

Na verdade, mais tarde, quando ele explora com sabedoria várias declarações proverbiais sobre como alguém pode encontrar vantagens em um mundo caído, ele descobre que o riso e a busca pela loucura são, em última análise, como o crepitar de espinhos. É só barulho, não é nada além de barulho. E o que o prazer realiza? Tentei me animar com vinho e abraçar a loucura, minha mente ainda me guiando com sabedoria.

Mais uma vez, Kohelet está experimentando todas as coisas possíveis para descobrir se há ou não algo que forneça uma solução nesta jornada. Eu queria ver o que valeria a pena para os homens fazerem sob o céu. Novamente, outra variação da fraseologia sob o sol.

Não é aqui que ele está olhando do céu, não é como se ele estivesse buscando algo através da piedade ou da santidade nesta frase, enquanto em outros lugares ele está buscando algo a partir de uma perspectiva mundana apóstata. Ele está simplesmente dizendo que estou verificando todas as coisas aqui, debaixo do sol ou debaixo do céu, basicamente sinônimos, durante os poucos dias de suas vidas. E assim, a natureza transitória de uma existência hevel , uma existência mortal, está sendo destacada aqui, nos poucos dias de suas vidas.

Realizei grandes projetos. Construí casas para mim e plantei vinhas. Fiz jardins e parques e plantei neles todos os tipos de árvores frutíferas.

Sabemos desde a antiguidade que os reis e a nobreza do mundo antigo tinham grande prazer na construção de parques e jardins e coisas assim. Isso meio que mostrou sua grandeza, sua grandeza como reis. Fiz reservatórios de água, cultivando árvores florescentes, e assim Kohelet conseguiu dominar os cursos de água para irrigar as cidades.

Comprei escravos e escravas e tive outros escravos que nasceram em minha casa, então ele era um homem rico. Isso me faz pensar em Jó. Na introdução do livro de Jó, Jó é descrito como o maior de todos os homens do Oriente.

E então descreve seus rebanhos e manadas. No mundo antigo, acumular esse tipo de coisas demonstrava a grandeza de um homem. Eu também possuía mais rebanhos e manadas do que qualquer pessoa em Jerusalém antes de mim.

Acumulei prata e ouro para mim e para os tesouros de reis e províncias. Adquiri cantores e cantoras e também um harém. Agora é interessante, muitas pessoas lerão

a palavra harém aqui e, claro, pensamos em Salomão, pensamos em 700 esposas e 300 concubinas, e dizemos, sim, harém faz sentido se este for Salomão.

Na verdade, é meio interessante. Esta palavra harém é na verdade uma palavra encontrada apenas uma vez na Bíblia Hebraica. E quando você pensa sobre isso, se você tiver uma palavra encontrada apenas uma vez na Bíblia Hebraica, e se lembrar de dicionários e léxicos, eles não vêm caídos do céu inspirados, e então os estudiosos tentam lutar com exatidão o que essa palavra pode significar. quero dizer por trás da palavra harém, e você verá traduções indo em direções diferentes.

Algumas traduções realmente traduzem esses baús de tesouro, ou em outras palavras, algum tipo de acumulação de riqueza. E então, isso não significa necessariamente que o Kohelet teve todas essas mulheres, e que ele está buscando algum tipo de busca hedonista por prazer. Quero dizer, há algum sentido em que o texto aqui descreve um acúmulo de todas essas coisas, e ele certamente buscou o prazer, a loucura e a loucura para ver se alguma dessas coisas trazia algum tipo de valor duradouro.

Mas eu não leria muito sobre esse conceito de harém aqui. Mas talvez esteja se referindo a um harém. Certamente, os maiores homens do Oriente, ou os reis do mundo antigo, teriam acumulado haréns e, portanto, isto não pareceria muito fora de questão.

As delícias do coração dos homens, os baús de tesouro e a riqueza, bem como os haréns, poderiam ser descritos dessa forma. Tornei-me muito maior do que qualquer pessoa em Jerusalém antes de mim. Em tudo isso, minha sabedoria permaneceu comigo.

E assim, é um tanto interessante aqui, Kohelet parece estar dizendo, ganhei tudo e estou exclusivamente qualificado para descobrir se há algo que possa fornecer algum tipo de legado duradouro além do grande. Qualquer coisa que possa fornecer alguma solução para o problema da queda ou do peso da vida. Estou explorando tudo isso com sabedoria enquanto investigo e me experimento através do acúmulo de grandes coisas que fui capaz de ganhar e alcançar em minha vida.

E assim, novamente, Kohelet é excepcionalmente qualificado tanto em sabedoria quanto em riqueza. Não me neguei nada que meus olhos desejassem. Não recusei nenhum prazer ao meu coração.

Mais uma vez, ele não deixa pedra sobre pedra. Meu coração se deleitou com todo o meu trabalho, e esta foi a recompensa pelo meu trabalho. No entanto, quando examinei tudo o que minhas mãos haviam feito e o que eu havia trabalhado para conseguir, tudo parecia desordenado, uma perseguição ao vento.

Nada foi ganho, não foi encontrado nenhum yitron sob o sol. E então, realmente, o capítulo 2 e o versículo 11 aqui parecem estar entre colchetes ou trabalhar em conjunto com o capítulo 1 e o versículo 3. No capítulo 1 e no versículo 3, Kohelet pergunta: que yitron existe sob o sol? E depois de acumular todas essas coisas e explorar através da sabedoria, da loucura e da loucura, do prazer e do acúmulo de grande riqueza, Kohelet descobre que nisto nenhum yitron é encontrado. Então ele continua.

Volto meus pensamentos para considerar a sabedoria, e também a loucura e a tolice, voltando novamente ao capítulo 1 e ao versículo 7. O que mais o sucessor do rei pode fazer além do que já foi feito? Isso faz você pensar no poema sobre a natureza cíclica da vida, capítulo 1 e versículo 9. Vi que a sabedoria é melhor que a loucura, assim como a luz é melhor que as trevas. Agora ele procurava encontrar o que valesse a pena na vida. Descobriremos mais tarde que Kohelet não buscará apenas yitron, em última análise, yitron não pode ser encontrado no livro de Eclesiastes, mas ele buscará encontrar o que é tov, o que é melhor.

E aqui temos o primeiro vislumbre de uma espécie de teologia melhor que a teologia, a teologia da sabedoria, no livro de Eclesiastes. Ele descobre que a sabedoria é melhor que a loucura ao explorar os méritos de ambas. Ele descobriu que a sabedoria é melhor que a loucura, assim como a luz é melhor que as trevas.

O homem sábio tem olhos na cabeça enquanto o tolo anda nas trevas. Mas percebi que o mesmo destino se abate sobre ambos: a morte. Exploramos a inevitabilidade da morte como um tema proeminente em uma palestra anterior, e aqui temos um vislumbre da inevitabilidade da morte que se repete continuamente ao longo do livro.

Em outras palavras, a sabedoria é melhor aqui e agora, mas o problema é que a sabedoria ainda não fornece um yitron duradouro. Em outras palavras, a sabedoria será nivelada pelo grande nivelador de todas as coisas, o equalizador, a morte. E assim o tolo e o sábio também devem morrer.

Então pensei em meu coração, e a propósito, nos referiríamos a estes como discursos de reflexão no sentido literário, o destino do tolo também me alcançará. O que então ganho sendo sábio? Não há yitron na sabedoria. Eu disse em meu coração, isso também é hevel.

E, a propósito, a ideia de hevel muitas vezes assume a aura de julgamento, e então é como se Kohelet dissesse que observo o hevel e eu o proclamasse como hevel. Em outras palavras, existe esta conotação negativa que acompanha muitas das acusações contra a vida vivida num mundo caído. Eles são proclamados como hevel.

Pois o homem sábio, assim como o tolo, não será lembrado por muito tempo. Nos faz pensar no capítulo 1 do versículo 11, onde embora não haja lembrança dos homens antigos, eles não serão lembrados por aqueles que os seguirão. E então, ele se repete.

Essa natureza cíclica de repetição que encontramos no livro de Eclesiastes é característica do livro. Pois o homem sábio, assim como o tolo, não será lembrado por muito tempo. Nos próximos dias, ambos serão esquecidos.

Assim como o tolo, o sábio também deve morrer. A inevitabilidade da morte. E assim proclama Kohelet, depois de observar, experimentar e refletir sobre essas coisas, diz, então eu odiei a vida.

Agora, naturalmente, quando alguém lê isso, pensa: ok, isso é realmente pessimista, não é? Mas é preciso lembrar que, na linha de argumentação de Kohelet, ele está simplesmente expressando sua irritação. Ele é um sábio refletindo sobre essas coisas, e isso o irrita. Isso o frustra.

Não falta angústia em Kohelet quando ele observa o dilema, e acho que dilema é uma palavra apropriada, pois a vida vivida num mundo caído, onde a sabedoria é incapaz. Não é capaz de compreender nada que proporcione uma resolução duradoura. Então, ele odeia a vida, eu odiei a vida, talvez um pouco hiperbólico aqui, mas novamente na linha de argumentação, lembre-se que Kohelet não está simplesmente dizendo: sou um traficante da morte, estou simplesmente frustrado com o que vejo aqui, porque o trabalho que se faz debaixo do sol era penoso para mim.

Em última análise, foi incapaz de reunir qualquer coisa que pudesse fornecer uma resolução. Tudo isso é hevel, todas as coisas são hevel. O esforço que é estendido e despendido na busca por essas coisas é uma corrida atrás do vento.

Ruach, novamente, uma perseguição ao vento. Eu odiava todas as coisas pelas quais havia girado debaixo do sol, porque devo deixá-las para quem vier depois de mim. Vimos esse tema no final do poema sobre os ciclos da vida.

Alguém que aparece e mais tarde Kohelet vai dizer, essa pessoa pode ser um tolo. Quem sabe se ele seria um tolo ou um homem sábio, ainda assim ele terá controle sobre todo o trabalho em que dediquei meu esforço e a habilidade que tenho sob o sol. Isso também é hevel.

Em outras palavras, eu trabalho e labuto, eu me esforço, e não há fim para esse esforço, e ainda assim não posso levar nada disso comigo e posso deixá-lo para alguém que é um tolo, que o desperdiça e é tolo. Então, meu coração começou a se desesperar, é por isso que ele odeia a vida, apesar de todo o meu trabalho árduo sob

o sol. Pois um homem pode fazer o seu trabalho com sabedoria, conhecimento e habilidade, e então deve deixar tudo para alguém, tudo o que possui para alguém que não trabalhou para isso.

Isso também é um problema e um grande infortúnio. E assim, nenhum trabalho e nenhuma conquista se estendem além do túmulo, e podem realmente ser desperdiçados depois que você vai e vem. O que um homem ganha por todo o trabalho e esforço ansioso pelos quais trabalha debaixo do sol? Todos os seus dias, seu trabalho, seu amor, são dor e pesar.

Mesmo à noite, sua mente não descansa, então o estresse se estende até o anoitecer e o sono. Isso também é hevel. E assim, à luz do trabalho árduo, Kohelet resolve encontrar algo que seja bom, algo que seja melhor.

E aqui no versículo 24, começamos o primeiro de nossos refrões de Aproveite a Vida. Um homem não pode fazer nada melhor, observa nosso sábio, do que comer e beber e encontrar satisfação em seu trabalho. Isso também eu vejo que vem da mão de Deus.

Pois sem ele quem pode comer ou se divertir? E veremos ao longo dos refrões Aproveite a Vida que Kohelet reconhece que as coisas boas vêm das mãos de Deus. Eu descreveria isso como graças, aquela sabedoria que um homem sábio é capaz de reconhecer e até extrapolar na compreensão de que todo esse esforço ansioso e toda essa labuta e trabalho, que em última análise é incapaz de produzir qualquer coisa, esta não deve ser a busca do homem, mas sim a recepção dos dons comuns ou regulares que Deus fornece em um mundo caído. Então, isso também eu vejo que vem da mão de Deus.

Ao homem que O agrada, Deus dá sabedoria, conhecimento e felicidade, mas ao pecador, Ele dá a tarefa de reunir e acumular riquezas para entregá-las a quem agrada a Deus. Isso também é Hebel, correr atrás do vento, certo? Ruach. Portanto, não há produto do trabalho que se estenda além do túmulo, mas no aqui e agora, o homem tem a capacidade de receber o prazer que Deus lhe proporciona como um presente.

Assim, mesmo no meio de toda essa angústia, labuta e luto, Kohelet encontra algo que é, no entanto, melhor, algo que é bom. E encontraremos esse tipo de pensamento ampliado e explicado com mais detalhes ao longo do livro. Agora o capítulo 3 começa com um poema, um poema muito interessante, um poema pontual.

O tempo se torna um minimotivo ao longo do livro de Eclesiastes, veremos as questões tratadas em relação ao tempo no capítulo 3 repetidas novamente no capítulo 8. O capítulo 3 começa com uma declaração que acredito ser o front end de

um inclusio , um colchete que termina com o capítulo 3 no versículo 17. E esta questão do tempo é um conceito muito flexível que parece refletir a atividade de Deus, bem como a atividade do homem, à medida que o homem procura navegar através de um mundo caído e muitas vezes bastante desafiador. mundo. E assim, no início do capítulo 3, há um tempo para tudo e uma estação para cada atividade debaixo do céu.

E o que se segue é um conjunto de pares binários de forma paralela com algum arranjo quiástico nos versículos 2 a 8. Um tempo para nascer e um tempo para morrer, um tempo para plantar e um tempo para arrancar, um tempo para matar e um tempo para tempo de curar, tempo de destruir e tempo de construir. Tempo de destruir paralelos com tempo de destruir, tempo de curar paralelos com tempo de construir. Tempo de chorar e tempo de rir, tempo de lamentar e tempo de dançar.

Portanto, parece haver alguma escalada no versículo 4 entre as linhas paralelas. Chore e chore, ria e dance. Tempo de espalhar pedras e tempo de juntá-las, tempo de abraçar e tempo de abster-se.

Agora, esta questão de espalhar e juntar pedras poderia ser um eufemismo, poderia ser uma espécie de declaração idiomática, talvez em relação à atividade sexual. Isto pareceria um paralelo com um tempo para abraçar e um tempo para se abster. Outros acreditam que espalhar e juntar pedras se refere simplesmente a alguma atividade em termos de guerra e coisas do tipo no mundo antigo.

Um exército conquistador chegaria e espalharia pedras pelos campos ou talvez fosse uma questão de espalhar pedras e derrubar fortificações e coisas desse tipo. O problema com isso, claro, é que não parece haver um paralelo muito sensato entre abraçar e abster-se, a menos que estejamos lidando com o tipo de abraço em que poderia haver um tratado ou algum tipo de acordo de paz. Mas é bastante ambíguo como muitas coisas em Eclesiastes são.

Tempo de procurar e tempo de desistir, tempo de guardar e tempo de jogar fora. E assim novamente encontramos um arranjo paralelo entre procurar e guardar e jogar fora e desistir, um tempo para rasgar e um tempo para consertar, um tempo para ficar em silêncio e um tempo para falar. E assim, rasgar e remendar aqui pode ter algo a ver com os relacionamentos aqui, dado o paralelo com o silêncio e a fala.

Tempo de amar e tempo de odiar, tempo de guerra e tempo de paz. E assim vimos numa palestra anterior sobre o poema sobre o tempo que o tempo é um conceito muito flexível. Podemos referir-nos a um período de tempo como um ponto no tempo, por outras palavras, uma data específica, talvez até uma hora específica do dia, ou podemos estar a referir-nos a algo que é mais substantivo.

Em outras palavras, um conceito de tempo como um bom momento para fazer isso ou aquilo. Mencionei numa palestra anterior que se nevar 60 ou 90 centímetros para um esquiador, podemos nos referir a esse momento como um bom momento para esquiar. Ou se você está falando de uma noite linda, pode dizer que é um bom momento para um churrasco, para comer fora ou algo parecido no pátio.

E assim, há diferentes sentidos em que o tempo pode ser usado na língua hebraica, bem como na língua inglesa. A palavra hebraica usada ao longo do poema sobre o tempo é *et*. E, novamente, é um termo muito flexível, como é o nosso tempo de palavra em inglês.

E a questão do tempo no poema é a que sentido de tempo Kohelet está realmente se referindo aqui? E como exploramos naquela palestra anterior, há alguns sentidos de tempo nos quais Deus pode ser o sujeito. Pode ser que Deus determine os tempos, um tempo para nascer e um tempo para morrer faça algum sentido se Deus é quem determina o momento da morte de alguém, o que certamente parece ser característico do pensamento de Kohelet em outras partes do livro. Você também tem a questão do estabelecimento dos ciclos da vida por Deus.

Nesse sentido, o poema sobre o tempo tenderia a espelhar o poema de abertura sobre os ciclos da vida na natureza que encontramos no capítulo um. Você também tem Deus projetando as coisas de acordo com seus tempos, então a adequação no tempo se torna um problema aqui. Isso parece ser apoiado pelo capítulo três e versículo onze.

Ele tornou tudo belo ou adequado em seu tempo e, certamente, um homem sábio precisaria aprender a reconhecer a adequação no desígnio de Deus para os tempos e na orquestração de Deus sobre a maneira como as coisas deveriam funcionar neste mundo celestial. Mas também temos várias maneiras pelas quais o tempo pode ser interpretado tendo o homem como sujeito. Um homem sábio precisa saber como navegar nos tempos e certamente a sabedoria pode ser descrita em grande parte como a implementação de preceitos para ser capaz de navegar pelas incertezas da vida e o tempo torna-se um elemento importante na navegação pelas incertezas da vida.

E assim, um homem sábio saberá os momentos apropriados. Um homem sábio saberá quando é o momento adequado para fazer isto ou aquilo. Na verdade, em um dos provérbios do capítulo dez, descobrimos que Kohelet faz referência a um horário próprio, um apropriado *et*, em referência ao horário adequado para comer.

E aí encontramos a adequação do timing tendo o homem como sujeito. E então também descobrimos que o timing se torna um elemento importante. Ou seja, quando você fala, por exemplo, de certas disciplinas eu estava pensando em comédia.

A comédia muitas vezes é uma questão de tempo. Certo? E então, às vezes, é uma questão de um homem sábio implementar o momento adequado. Não apenas saber a adequação de quando as coisas deveriam ser, mas também ser capaz de implementar na sua atividade um timing adequado para quando falar e quando abster-se de falar ou quando abraçar e quando não abraçar.

Esse tipo de coisa. E na verdade o que você descobre é que você cataloga o poema no tempo com esses pares binários e sua estrutura paralela. Você descobre que não há um sentido uniforme em que o tempo parece ser descrito ao longo do poema.

Em outras palavras, você poderia dizer que o poema trata dos tempos determinados por Deus. Em outras palavras, Deus determina o tempo em que as coisas deveriam acontecer ou acontecem. E isso faria sentido para alguns deles, como a hora de morrer, mas realmente faz muito pouco sentido para outros, como a hora de chorar e a hora de rir.

Deus não dita necessariamente o momento em que um indivíduo ri ou chora. E então aí você tem mais uma noção do homem como o sujeito, a adequação. O homem saberá quando é apropriado fazer isto ou aquilo.

Ou pode ser que Deus tenha projetado a adequação no tempo. Talvez seja esse o significado por trás do choro e do riso. Deus criou momentos adequados para choro e luto e momentos adequados para risos e esse tipo de atividade.

E assim, à medida que você avança no poema no tempo, sugiro ter em mente todos os cinco sentidos em que o tempo pode ser compreendido. E assim como acontece com o conceito de Hebel e outras ideias no livro de Eclesiastes, quase parece que Kohelet está juntando todas essas ideias. À medida que um homem sábio navega em um mundo caído, a sabedoria exige uma compreensão do desígnio de Deus para os tempos, do desígnio de Deus para a adequação aos tempos e da determinação final de Deus para os tempos.

Mesmo quando um homem sábio toma decisões, os resultados finais dependem sempre de Deus. E assim, Deus determina quando certas coisas ocorrem, mesmo que o homem deva navegar e tomar decisões num futuro incerto. Descobrimos também que Kohelet certamente poderia estar enfatizando o homem como sujeito ao longo de todo o poema.

E o homem na necessidade do homem como um ser de sabedoria, como alguém que implementa a sabedoria para navegar nos tempos e compreender estas coisas. E então, o que você encontra aqui é aquela flexibilidade inerente que é tão frequentemente empregada na poesia. E acho que essa é uma das razões pelas quais

Kohelet usa um poema como este para poder comunicar tantas ideias e envolvê-lo numa estrutura muito concisa e concisa.

Agora, os versículos 9 ao versículo 14 parecem comentar o poema no tempo. E assim, com o versículo 9 temos novamente uma pergunta: O que o trabalhador ganha com o Yitron que pode ser encontrado em todos os seus amais ? Parecendo repetir o que encontramos no capítulo 1, versículo 3, com a pergunta introdutória. Agora, isso quase parece ser declarado aqui como uma pergunta retórica.

Ou seja, continuo pesquisando e ainda não encontrei. Eu vi o fardo, o inyon , vimos isso no capítulo 1, no versículo 10, ou versículo 13. Eu vi o fardo, o inyon , que Deus colocou sobre os homens, o sentido em que há algo além, e no entanto, ele é incapaz de compreender o momento dessas coisas e até mesmo incapaz de compreender a realidade além-túmulo.

Ele fez tudo bonito ou adequado ao seu tempo. Assim, na atividade das coisas de Deus, no desígnio de Deus das coisas, há adequação no tempo, há regularidade ou consistência nos tempos, e ainda assim o homem não é capaz de compreender essas coisas. Ele também colocou a eternidade nos corações dos homens, mas eles não conseguem compreender o que Deus fez do começo ao fim.

E assim, este tema da imposição de limitações por um Deus soberano, Deus mantendo o homem em um lugar onde ele nunca é capaz de obter uma base adequada, compreendendo todas as coisas que Deus faz. A propósito, não só a sabedoria encontrada no livro de Eclesiastes é, em última análise, incapaz de fornecer algo duradouro ao homem, mas também a sabedoria é, em última análise, incapaz de descobrir de uma forma concreta e compreender e gerir o divino. Eu sei que existe, com o versículo 12, o que encontramos aqui é outro refrão de aproveitar a vida, e então dentro dessas reflexões na hora certa, Kohelet então salta para o próximo refrão, eu sei que não há nada melhor para os homens do que ser feliz e façam o bem enquanto vivem, para que todos comam e bebam e encontrem satisfação em todo o seu trabalho.

Este é o dom de Deus. Eu sei que por tudo, sei que tudo que Deus faz durará para sempre. Novamente, ao contrário da atividade do homem, o que Deus faz durará para sempre.

Nada pode ser acrescentado e nada pode ser retirado. Deus faz isso para que os homens possam reverenciá-lo. Como afirmei em uma palestra anterior, este é o único lugar nas Escrituras que conheço onde parece haver alguma resposta para a questão do porquê.

Por que é que o homem não é capaz de se igualar a Deus? Por que é que o homem não é capaz de dominar o divino? Por que é que Deus permite que aconteçam coisas

neste mundo que mantêm os homens em situação insegura? Quando o homem descobre algo que ele pensou que poderia ter descoberto, mas depois examina ou observa uma exceção a isso, como os justos recebendo o que os ímpios merecem, por que essas coisas ocorrem? Bem, em última análise, num sentido muito amplo, Deus faz isso para que o homem possa temê-lo. Novamente, gosto de alinhar isso com o capítulo 11 de Gênesis, na situação da Torre de Babel. O que a humanidade procurou fazer na construção da Torre de Babel foi alcançar a divindade, alcançar algum sentido para compreender o divino, estar à altura de Deus.

O que encontramos em Eclesiastes é que Deus impõe uma limitação à humanidade para que o homem nunca possa ter uma limitação sobre ele e para que o homem possa temer ou reverenciar a Deus. Até mesmo um homem sábio reconhecerá que, em última análise, através da implementação de sua sabedoria, ele nunca será capaz de ter quaisquer títulos garantidos. E vemos isso refletido nos Provérbios a seguir.

Tudo o que já foi e o que será já foi feito antes e Deus chamará o passado em conta. Agora, isso pode refletir algum senso de responsabilidade em relação aos atos que alguém cometeu, mas o hebraico aqui é bastante ambíguo. A forma como a NVI traduziu isso implicaria que Deus vai levar em conta as atividades passadas, preparando o cenário para algum tipo de julgamento que se segue no versículo 17.

E eu vi outra coisa sob o sol. No lugar do julgamento, a maldade estava presente. No lugar da justiça, a maldade estava lá.

E assim Kohelet observa que ocorrem certas coisas que parecem não fazer qualquer sentido, mesmo numa vida, num mundo onde Deus planejou a adequação no tempo das coisas. Parece haver uma ausência de um lugar adequado para Deus cumprir o julgamento no momento apropriado. E então, pensei em meu coração, e Kohelet vai refletir sobre a possibilidade de algum tipo de julgamento de vida após a morte aqui.

Deus trará a julgamento tanto os justos como os ímpios, pois haverá um tempo para cada atividade e um tempo para cada ação. E a linguagem aqui é muito semelhante ao que encontramos no capítulo 3 do versículo 1, na minha opinião, aparentemente para encerrar e colocar entre colchetes todo este segmento. É interessante que no capítulo 3 e versículo 17, esta expectativa de alguma forma de julgamento parece alinhar-se muito bem com a conclusão de todo o livro no capítulo 12, nos versículos 13 e 14.

Na verdade, a linguagem é virtualmente idêntica lá. Também pensei que, quanto aos homens, Deus os testa para que vejam que são como os animais. O destino do homem é como o dos animais.

O mesmo destino aguarda os dois: um morre e o outro morre. Todos têm o mesmo fôlego. O homem não tem vantagem sobre o animal.

Ora, Kohelet aqui não está falando sobre aniquilacionismo em algum tipo de sentido teológico. Ele não está escrevendo um livro de teologia sistemática. Ele está simplesmente observando, sob a perspectiva do sol, que o homem não tem vantagem sobre o animal.

No mesmo sentido que fez no capítulo 2, onde diz que o homem sábio, assim como o tolo, ambos também devem morrer. A sabedoria não tem vantagem sobre a loucura em termos da inevitabilidade da morte. O homem não tem vantagem sobre o animal em termos de inevitabilidade da morte, agora no capítulo 3. Todos vão para o mesmo lugar.

Todos vêm do pó e ao pó todos voltam. Pois quem sabe se o espírito do homem sobe e se o espírito do animal desce à terra. Agora, no capítulo 12 e versículo 7 de Eclesiastes, depois de refletir sobre o processo de envelhecimento, Kohelet parece reconhecer que a humanidade retornará ao seu criador, mas neste ponto, ele está simplesmente observando uma situação do tipo pó ao pó .

Ele está observando que o homem vai para a vala comum assim como o animal. Então, eu vi que não há nada melhor para um homem do que comer ou para um homem do que desfrutar do seu trabalho porque essa é a sua sorte. Ou, como afirmei em uma palestra anterior, sua cota.

Esta é a palavra hebraica *heleq* . E agora estamos lendo e vimos uma série de refrões para aproveitar a vida neste momento. Passei um tempo com uma palestra inteira tratando do motivo de aproveitar a vida e dos refrões de aproveitar a vida e sua natureza crescente e analisamos alguns dos termos-chave empregados nesses refrões de aproveitar a vida.

Vimos a função desses refrões para aproveitar a vida. Neste ponto, gostaria apenas de lembrar que os refrões de aproveitar a vida parecem estar inseridos no contexto das reflexões e observações de Kohelet sobre o peso da vida. Não é como se ele esperasse até o final do livro e dissesse que vi toda essa feiúra e todos esses problemas que a humanidade e a sabedoria foram incapazes de compreender e dominar, então vou apenas admitir que você também pode relaxar e aproveitar a vida agora.

Ele está basicamente dizendo aqui que, no meio de tudo isso, Deus, no entanto, fornece as graças de *heleq* , as cotas, por meio das quais o homem pode ser capaz de encontrar alegria, *simcha*, na vida. E não é a ideia de algum tipo de prazer hedonista, mas sim de algum tipo de alegria dada por Deus que o homem é capaz de extrapolar a partir dos prazeres muito simples da vida que Deus lhe concede. É uma questão de perspectiva em grande parte.

O homem se esforça e trabalha para acumular tesouros que não pode levar consigo ou recebe de Deus os dons da vida e aproveita esses dons no presente? Essa é uma questão de sabedoria e é uma questão que Kohelet sugere ser tal que um homem sábio irá abraçar e explorar. E assim, ele descobre que não há nada melhor, mesmo à luz da inevitabilidade da morte, para um homem do que desfrutar do seu trabalho, porque essa é a sua cota, essa é a sua dádiva. Pois quem o poderá trazer para ver o que acontecerá depois dele? Novamente, esta ideia é que o homem não pode ver nada além do túmulo.

Agora, no capítulo quatro, continuamos com esta ideia das observações de Kohelet e algumas de suas reflexões baseadas nessas observações. E estas observações novamente são feitas a partir de uma perspectiva sob o sol sobre a vida vivida em um mundo caído e algumas das coisas que são representativas e elementos ou aspectos da vida vivida em um mundo caído e certamente em um mundo caído que todos conhecemos. com sofrimento. O sofrimento é algo que é uma experiência comum.

Se você nunca sofreu, provavelmente é muito jovem. Haverá uma experiência de sofrimento em sua vida. E todos nós conhecemos outras pessoas que sofreram coisas provavelmente muito maiores do que nós.

E olhamos para a vida nesse tipo de contexto e obviamente isso não é algo que encoraja, mas sim desencoraja. E assim, encontramos essa voz reflexiva nas palavras de Kohelet a partir do capítulo quatro. Novamente olhei e vi toda a opressão que ocorria sob o sol.

E assim Kohelet viveu num mundo onde as injustiças eram comuns. Vivemos hoje em um mundo onde as injustiças são comuns. Tenho um amigo meu que descreveu a vida num determinado país como um tipo de vida em que as pessoas apenas tinham de orçamentar subornos porque era a única forma de sobreviver na vida.

E assim, era um mundo saturado por uma cultura de corrupção. E conhecemos situações como essa em qualquer contexto em que vivamos hoje. E conhecemos situações de grande sofrimento.

Hoje, enquanto falo, há crises de refugiados acontecendo em todo o mundo. Pessoas que foram deslocadas. Reconhecemos que estas são pessoas que aparentemente carecem de qualquer tipo de consolador.

E então Kohelet observa essas coisas. Ele diz que vi as lágrimas dos oprimidos. Que eles não têm consolador.

O poder estava do lado de seus opressores. Este é o tipo de linguagem comum entre os profetas ao observarem os impotentes e os poderosos e como os impotentes não tinham voz. E eles não têm edredom.

E declarei que os mortos que já morreram são mais felizes do que os vivos que ainda estão vivos. Novamente, Kohelet não está necessariamente fazendo aqui uma declaração teológica contra a santidade da vida. Ele está simplesmente dizendo que o sofrimento não é uma maneira de viver.

Agora, novamente, Kohelet não está olhando para 2 Coríntios capítulo 1, que fala sobre o Deus de todo conforto. Reconhecemos que estamos lidando aqui com dois contextos diferentes. Kohelet, da perspectiva sob o sol, está simplesmente sugerindo que esta não é uma maneira de viver.

E ele ficaria bastante irritado com isso. Ele diz que isso é um inferno. Isto não está certo.

Mas melhor do que ambos é aquele que ainda não existiu e que não viu o mal que se faz debaixo do sol. Talvez hiperbólico, mas Kohelet está simplesmente dizendo que se a vida é a vida que se vive apenas para sofrer, então é melhor não viver. Para nunca ter nascido.

E vi que todo trabalho e todas as conquistas surgem da inveja que o homem tem do próximo. E, portanto, não se trata apenas de acumular grandes coisas, mas da motivação por trás desse esforço, por trás desse trabalho, seja ela a ganância, seja a inveja, Kohelet vai chamar tudo isso também de loucura e loucura. A inveja de um homem pelo próximo também é uma perseguição e uma perseguição ao vento.

O tolo cruza as mãos e se arruína. Melhor um punhado com tranquilidade do que dois punhados com labuta e correndo atrás do vento. Agora Kohelet, o homem sábio, estará bastante apto a lançar aqui provérbios de sabedoria.

E Kohelet reconhece que embora não haja nenhum ganho duradouro em acumular grandes coisas e tesouros, como ele mesmo experimentou, seguindo a casa ao lado de Jones, como gostaríamos de dizer aqui, esse tipo de inveja do vizinho que leva algumas pessoas para buscar tesouros e riquezas, Kohelet diz que isso é uma loucura, mas não vamos simplesmente desistir do trabalho. Em outras palavras, um homem deve trabalhar para poder comer. E muito em linha com a sabedoria do livro de Provérbios, descobrimos que o preguiçoso, o preguiçoso, nunca consegue nada na vida.

E então, Kohelet dirá, é um tolo quem cruza as mãos, reconhecendo que todas essas coisas são, em última análise, em vão. No entanto, tolo seria aquele que cruzasse as

mãos e não fizesse nada, arruinando-se com essa preguiça. Mas um homem sábio, em sua busca por coisas, não buscará coisas que não possa levar consigo.

E então é melhor um punhado de tranquilidade e satisfação do que dois punhados de trabalho e correr atrás do vento. Uma palavra de sabedoria. Mais uma vez, vi algo sem sentido ou desmoronado sob o sol.

Havia um homem sozinho, não tinha filho nem irmão, não havia fim para o seu trabalho. No entanto, seus olhos não estavam satisfeitos com toda a sua riqueza. E então, novamente, não é apenas uma questão de inveja que leva ao acúmulo de riqueza, que em última análise é apenas trabalho e loucura, mas também é a ganância, alguém que nunca está satisfeito com o que possui.

Para quem estou trabalhando, perguntou ele, e por que me privo do prazer? Em última análise, um homem sábio reconhece que a ganância apenas para acumular riqueza é uma loucura. Isso também é hevel, um negócio miserável. Dois são melhores do que um porque têm um bom retorno pelo seu trabalho.

Se alguém cair, seu amigo pode ajudá-lo. Mas tenha pena do homem que cai e não tem ninguém para ajudá-lo. Agora, Kohelet vai lançar-se nesta ideia de coisas que são melhores do que, e vai descobrir que é melhor para um homem neste mundo encontrar companhia no seu trabalho porque ele é capaz, através disso, de ser capaz de obter uma vantagem maior nesta vida.

E então, novamente, são simplesmente palavras de sabedoria em um sentido proverbial. Se alguém cair, seu amigo pode ajudá-lo. Mas tenha pena do homem que cai e não tem ninguém para ajudá-lo.

Além disso, se dois se deitarem juntos, eles se manterão aquecidos. Mas como alguém pode se manter aquecido sozinho? Isso não significa necessariamente que é uma loucura ser solteiro e que é uma sabedoria ser casado ou algo assim. Ele está simplesmente dizendo que a vida neste mundo celestial deve ser compartilhada e a vida neste mundo celestial compartilhada é uma vida mais vantajosa.

Embora um possa ser dominado, dois podem se defender. Um cordão de três fios não se rompe rapidamente. Em outras palavras, a sabedoria aqui é simplesmente afirmar que há força nos números em um mundo celestial caído.

Iniciando no capítulo 4, no versículo 13, Kohelet inicia uma espécie de história exemplar. Mais uma vez, continuando com esse motivo melhor que. Melhor um jovem pobre, mas sábio, do que um rei velho, mas tolo, que não sabe mais receber um aviso.

O jovem pode ter saído da prisão para a realeza ou pode ter nascido na pobreza dentro do seu reino. Vi que todos os que viveram e caminharam sob o sol seguiram o jovem, o sucessor do rei. Não houve fim para todas as pessoas que existiram antes dele, mas as que vieram depois não ficaram satisfeitas com o sucessor.

Isso também é Hebel, correr atrás do vento, certo? Ruach. Em outras palavras, a popularidade foi, em última análise, passageira, e mesmo quando um homem se mostrou à altura da situação e subiu na hierarquia, em última análise, não houve qualquer tipo de segurança duradoura para isso. Este também, Kohelet observa ser Hevel.

E assim, com a acumulação de tesouros e riqueza, a acumulação de sabedoria e até mesmo a acumulação de poder, em última análise, nenhuma destas coisas proporciona qualquer tipo de estabilidade, nem nenhuma destas coisas pode ser levada para além do túmulo. No capítulo 5, Kohelet faz algumas reflexões sobre a reverência diante de um Deus divino. Guarde seus passos quando for à casa de Deus.

Aproxime-se e ouça, em vez de oferecer o sacrifício dos tolos, que não sabem que fazem o que é errado. Em outras palavras, um homem sábio reconhecia sua posição diante do divino. Um homem sábio tem a postura apropriada.

Na verdade, vimos isto numa palestra anterior sobre o temor de Deus, sendo uma questão de sabedoria descrita como o conhecimento de Deus, uma orientação, uma orientação adequada para Deus. Aqui encontramos Kohelet descrevendo com mais detalhes essa orientação adequada e reverência diante de Deus. Não seja rápido com a boca.

Não se apresse em seu coração em pronunciar qualquer coisa diante de Deus. Deus está no céu e você está na terra, então aquele grande abismo entre os dois que Kohelet reflete em sua teologia de Deus e do homem. Portanto, que suas palavras sejam poucas, como sugeriria um homem sábio.

Se você reconhece quem é Deus, terá cuidado ao se apresentar diante dele. Assim como o sonho surge quando há muitos cuidados, assim também acontece a fala do tolo quando há muitas palavras. E tão alinhado com o livro de Provérbios, descobrimos que Eclesiastes, aquele Kohelet, descreve a loucura de ser precipitado com sua linguagem, especialmente quando você está diante de Deus.

Quando você fizer um voto a Deus, não demore em cumpri-lo. Em outras palavras, não seja precipitado com Deus e não seja frívolo com Deus. Ele não tem prazer em tolos.

Cumpra seu voto. É melhor não fazer um voto do que fazer um voto e não cumpri-lo. Novamente, é melhor do que declarações.

Não deixe que sua boca o leve ao pecado. Você sabe, tanto quanto afirma o livro de Provérbios, há uma grande capacidade em nossa boca, em nossas palavras, de causar grandes danos e problemas e de levar alguém ao pecado. E não proteste ao mensageiro do templo, meu voto foi um erro.

Por que Deus deveria ficar irado com o que você diz e destruir o trabalho de suas mãos? Muitos sonhos e muitas palavras são hevel . Novamente, de acordo com os ensinamentos de Provérbios, ser precipitado e volumoso com suas palavras muitas vezes leva à loucura. Kohelet diria que as palavras são pesadas .

Em última análise, eles são vaidosos e passageiros. Portanto, admire a Deus. Se observarmos os pobres oprimidos num distrito, no capítulo quatro vimos algumas reflexões de Kohelet sobre a injustiça.

Aqui vemos num esquema político que Kohelet também observa a opressão. Se virem os pobres oprimidos num distrito e a justiça e os direitos negados, não se surpreendam com tais coisas. Por outras palavras, a corrupção é algo muito típico num mundo hevel , num mundo caído.

Pois um funcionário é vigiado por outro superior e, acima deles, ambos são outros ainda mais elevados. O aumento da terra é assumido por todos. O próprio rei lucra com os campos.

Agora, o hebraico aqui no versículo nove é bastante ambíguo. Algumas traduções diriam que o rei é aquele que equilibra as coisas. Por outras palavras, afirmar o papel do rei e o papel do governo na repressão da corrupção.

Outras traduções, como a NVI, chegariam ao ponto de sugerir que até o próprio rei poderia ser culpado por tal cultura de corrupção. O hebraico permitiria que você fosse de qualquer maneira. Pareceria um pouco estranho para Kohelet, como rei, como ele se descreve, desprezar a atividade do rei, então isso é algo a considerar.

No entanto, esta cultura de corrupção que é evidente no mundo hebraico certamente parece estar muito clara nos versículos oito e nove. Versículo dez. Quem ama o dinheiro nunca tem dinheiro suficiente.

Quero dizer, isso descreve os extremamente ricos na maioria das culturas, sempre buscando acumular cada vez mais. Quem ama a riqueza nunca fica satisfeito com sua renda. Um pouco de ironia aí.

A maioria das pessoas no mundo pensa que se eu tivesse um pouco mais, se eu tivesse um pouco mais, ficaria satisfeito. Kohelet, o homem sábio, reconhece a

loucura de pensar que sempre haverá algo mais que o homem mortal busca alcançar. Isto também é mau porque, na realização dessas coisas, nada dura além do túmulo.

À medida que os bens aumentam, também aumentam aqueles que os consomem. É uma certa ironia que a maioria de nós experimentamos à medida que envelhecemos e talvez nos tornamos um pouco mais ricos ou um pouco mais estáveis financeiramente. Descobrimos que o nosso aumento na riqueza também é acompanhado por um aumento nas contas e um aumento nas despesas, e por isso parece que nunca há o suficiente, e isso apenas parece descrever a busca de perseguir algo que a humanidade nunca poderá alcançar plenamente para alcançar sua satisfação.

E que benefício eles trazem para o proprietário, exceto deleitar os olhos com eles? Numa palestra anterior, eu estava descrevendo um cavalheiro que conheci que, em seus últimos anos de vida, mesmo vendo que a morte estava chegando, ele sentiu grande prazer apenas em olhar seus extratos bancários. E isso foi tudo em vão. Ele não poderia levar consigo nenhum dinheiro daquele banco para nenhum lugar além do túmulo.

O sono do trabalhador é doce, quer coma pouco, quer muito, mas a abundância do rico não lhe permite dormir. Mais uma vez, é uma grande ironia que o trabalhador que tem pouco seja capaz de descansar numa forma de paz à noite, enquanto o homem rico que luta ansiosamente por mais e mais esteja ali numa bolha de ansiedade, e não consiga sequer encontrar descanso durante o sono. Versículo 13.

Vi um mal grave, novamente um julgamento negativo, sob o sol, riqueza acumulada para prejuízo de seu dono. Portanto, não se trata apenas de a riqueza ser acumulada por nada, mas agora temos a ironia, a situação irônica da riqueza ser acumulada apenas para causar danos ao seu dono, ou da riqueza perdida através de algum infortúnio. E todos nós provavelmente conhecemos alguns que perderam coisas devido a algo que não fazia parte deles ou não por causa de sua própria responsabilidade ou de sua própria ação.

Às vezes, numa sociedade corrupta, as pessoas são enganadas. As pessoas perdem coisas num mundo desorganizado e Kohelet fica irritado com isso. Ele chamaria isso de um grande infortúnio.

Para que quando for filho, para que quando ele tiver filho não falte nada para ele. Anteriormente, Kohelet ficou irritado com o fato de uma pessoa poder morrer com uma grande riqueza e deixá-la para alguém que vem depois dela e a desperdiça. Agora você tem alguém cuja grande riqueza foi perdida devido ao infortúnio, e agora ele não pode nem mesmo passar uma herança para alguém que venha depois dele.

Basicamente, a questão aqui é que, num mundo de inferno, o homem chega a este mundo sem nada e, em certo sentido, em última análise, sai sem nada. Nu, o homem sai do ventre de sua mãe e, como vem, também vai embora. Ele não tira nada de seu trabalho que possa carregar nas mãos.

Nesse sentido, riqueza e tesouro são hevel. Isto também é um mal grave. Assim como um homem chega, ele parte.

O que ele ganha ao trabalhar para o vento? É uma grande loucura trabalhar duro atrás de algo que você não pode levar consigo. Todos os seus dias ele come na escuridão, com grande frustração, aflição e raiva. Assim como a vida vivida na miséria devido à pobreza ou a algum tipo de aflição terrível é uma coisa dolorosa, mesmo quando alguém prospera neste mundo, se através do processo de prosperidade neste mundo, não encontrar nada além de frustração, aflição e raiva, Kohelet diz que não há maneira de viver.

Não é assim que um homem ou uma mulher sábia podem viver neste mundo, especialmente tendo em conta o facto de que Deus providenciou oportunidades para diversão. E assim, ele afirma mais uma vez o prazer de viver. Então percebo que é bom e apropriado para um homem comer e beber e encontrar satisfação em seu árduo trabalho sob o sol, em vez de encontrar aborrecimento e frustração, encontrar satisfação nas simples dádivas que Deus lhe dá.

Pois este é o seu destino, o seu servo, a sua porção. O homem sábio observará e conhecerá as oportunidades que Deus lhe oferece para encontrar prazer. Além disso, quando Deus dá riqueza e posses a qualquer homem, mais uma vez, a riqueza em si não é necessariamente uma coisa má, pensa Kohelet, e permite-lhe desfrutá-las, se você for capaz de desfrutar das coisas que Deus lhe deu, para aceitar sua cota, seu servo, e ser feliz em seu trabalho, isso é um presente de Deus.

É uma questão de perspectiva. Ele raramente reflete sobre os dias de sua vida, porque Deus o mantém ocupado com alegria de coração, em vez de ocupado com aborrecimento e frustração, ocupado com alegria e alegria de coração. Mas Kohelet continua.

Eu vi outro mal, em uma longa lista de males ou julgamentos dolorosos que Kohelet observa neste mundo caído, eu vi outro mal sob o sol, e ele pesa muito sobre o homem. Mais uma vez, inyon, este fardo pesado. Deus dá ao homem riqueza, posses e honra, de modo que não lhe falta nada que seu coração deseja, mas Deus não lhe permite desfrutá-los.

Agora, isso é um tanto interessante, não é? Que você tem uma situação em que Kohelet observa um homem que, por sua própria ação, é incapaz de desfrutar de sua riqueza e dos tesouros que acumula ao longo de sua vida, mas agora você tem uma

situação em que Deus parece manter um o homem seja capaz de desfrutar da riqueza e das coisas que ganhou nesta vida, e um estranho as desfruta em vez disso. Isto é hevel, um mal grave. Mais uma vez, Kohelet fica irritado com o fato de que, mesmo através da implementação da sabedoria, sabendo o que é adequado e bom, e sabendo como melhor receber os dons de Deus que um homem pode receber, ele descobre que às vezes Deus dá e depois tira.

Muito de acordo com a maneira como Jó explicou isso no início do livro de Jó. Você descobre que isso também, Kohelet não consegue descobrir. Por que Deus daria a um homem apenas para tirar isso dele? Você pensa em situações trágicas, por exemplo, onde num mundo de inferno um homem poderia procurar uma esposa, e Deus finalmente lhe concede uma esposa apenas para tirar essa esposa, ou talvez um casal procura um filho, e Deus lhes concede um filho, e você se pergunta que sentido faz Deus dar-lhes aquela criança, apenas para ver aquela criança tragicamente perdida em algum tipo de acidente ou algo assim.

Esses são os tipos de coisas que Kohelet observa neste mundo, que como um homem sábio, ele simplesmente não consegue entender. Um homem pode ter cem filhos e viver muitos anos, mas não importa quanto tempo viva, se não puder desfrutar da sua prosperidade e não receber um enterro adequado, digo que uma criança natimorta está em melhor situação do que ele. Kohelet tem tudo a ver com a implementação da sabedoria para encontrar as possibilidades na vida, e se uma mulher não consegue encontrar prazer nas coisas que Deus lhe deu, então Kohelet simplesmente não se trata disso.

Ela vem sem sentido, parte na escuridão, e na escuridão seu nome está envolto. Embora nunca tenha visto o sol ou conhecido nada, ele tem mais descanso do que aquele homem, refletindo um pouco da linguagem que vimos no capítulo 4, versículos 2 e 3. Mesmo que ele viva mil anos duas vezes, mas não consiga desfrutem de sua prosperidade, não vão todos para o mesmo lugar, reforçando mais uma vez o tema da inevitabilidade da morte. Todos os esforços do homem são para a sua boca, mas o seu apetite nunca é satisfeito.

Novamente, pensando no capítulo 5 e versículo 10, onde um homem nunca se cansa. Que vantagem tem um homem sábio sobre um tolo? Refletindo no capítulo 2 e nos versículos 14 e 15, onde, devido à inevitabilidade da morte, não havia vantagem para um homem sábio sobre o tolo. O que ganha um homem pobre sabendo como se comportar diante dos outros? Em outras palavras, não parece haver nenhuma vantagem.

Melhor o que os olhos vêem, o contentamento, do que a divagação do apetite, isso também é correr atrás do vento. Novamente, em certo sentido, mesmo quando um homem aprende a navegar pela vida com sabedoria, no final das contas ainda estaremos todos indo para o mesmo lugar. Tudo o que existe já foi nomeado.

Não há nada de novo sob o sol, pensando no capítulo 1. O que o homem é é conhecido. Nenhum homem pode competir com alguém que é mais forte do que ele. Lembre-se no capítulo 1 e versículo 15, o homem não pode endireitar o que já foi torto.

Acho que, de acordo com o pensamento de Kohelet aqui, é Deus. Quando Deus dita e quando Deus projeta, o homem é incapaz, em última análise, de tomar o que Deus planejou e mudá-lo de tal maneira que o homem tenha poder sobre o divino. Quanto mais palavras, menor o significado, e como isso beneficia alguém, pensando no capítulo 5, onde o tolo é descrito como alguém que tem muitas palavras.

Pois quem sabe o que é bom para um homem na vida. Se Kohelet não foi capaz de encontrar Yitron , ele está procurando o que é Tov. Ele está explorando e examinando essas coisas, como vimos em suas várias reflexões especialmente nos capítulos 4, 5 e 6.

Durante os poucos e difíceis dias, ele passa como uma sombra, apontando a natureza fugaz da vida nesta existência mortal transitória. Quem pode dizer a ele o que acontecerá sob o sol depois que ele partir? Em outras palavras, Kohelet se repete novamente. O homem não sabe nada sobre o que acontecerá no futuro, especialmente um futuro além de sua existência.